LOBATO E ESCOLA: MEDIANDO A LEITURA DE UM CLÁSSICO

Sônia Travassos
Mestre em Educação – UFRJ

Resumo
Esse trabalho é parte da dissertação de mestrado, *Lobato, Infância e Leitura – a obra infantil de Monteiro Lobato em diálogo com crianças da atualidade*, defendida em abril de 2013, no PPGE da UFRJ, cujo objetivo geral foi o de analisar a obra infantil de Lobato e suas relações com a infância e com a leitura: tanto no âmbito dela própria, como no diálogo com leitores/crianças do mundo contemporâneo. Este artigo apresenta argumentos que levam a considerar a obra lobatiana como um clássico da literatura infantil, e discute como a mediação da leitura deste clássico, realizada por professores, pode contribuir para a interação entre a obra e os leitores/crianças de hoje, no contexto escolar. Para tanto, também apresenta um dos eventos analisados na dissertação, no campo do Colégio Pedro II, com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, e que teve como procedimentos metodológicos, observações participantes e entrevistas com professores. Para discutir a obra lobatiana como um clássico, buscou-se a interlocução com autores que abordam o tema (Calvino, 2007; Machado, 2002; Penteado,1997 e Debus, 2004). Também dialoga com pesquisadores da literatura infantil (Sandroni, 1987, Zilberman, 2005). Yunes (1988, 2009), Silva e Martins (2010), Lajolo (2004) e Bakhtin (1988) contribuem para as análises sobre as mediações de leitura e a interação das crianças a textos de Lobato. A pesquisa, assim como o recorte aqui apresentado, apontou para a possibilidade da leitura de Lobato com crianças de hoje, que encontram espaços de diálogo com ela, ressignificando-a, e destaca algumas práticas de mediação de leitura que podem contribuir para este encontro.
Palavras-chave: Monteiro Lobato, Clássicos Literários, Infância, Mediação.

Introdução

Que lugar a leitura literária ocupa na formação das crianças? Os clássicos da literatura devem fazer parte dos acervos escolares? A obra de Monteiro Lobato pode ser considerada um clássico? Como ela vem sendo ressignificada por crianças de hoje, na escola, um dos principais espaços para o encontro entre a criança e o ato de ler?

Este trabalho é parte dos estudos da dissertação de mestrado, *Lobato, Infância e Leitura – a obra infantil de Monteiro Lobato em diálogo com crianças da atualidade*, defendida em abril de 2013, que discutiu as concepções de infância e leitura presentes na obra, procurou compreende-la um clássico da literatura infantil, assim como sua interação junto a crianças de hoje, no contexto escolar.

A obra de Lobato é considerada por muitos especialistas como um marco de qualidade na literatura infantil brasileira. Estudos mostram que antes do autor iniciá-la, as histórias lidas pelas crianças eram quase todas importadas da Europa, ambientavam-se em contextos diversos dos da realidade nacional, e preocupavam-se mais em ensinar do que em abrir as portas para a imaginação. Atento a este cenário, Lobato, a partir dos anos 1920, cria uma literatura na qual a criança é convidada a sonhar e a ampliar suas

experiências culturais e o diálogo com a realidade. Os principais agentes de suas narrativas são crianças que imaginam, brincam, trocam ideias, resolvem problemas e recriam o contexto no qual estão inseridos. Importante ressaltar que este universo de personagens-crianças aproxima-se diretamente do mundo do leitor-criança, o que, como comenta Zilberman (2005), permite identificação imediata, contribuindo para o encontro entre texto e leitor. Para Sandroni (1987), Lobato possuía um projeto ideológico: através de sua literatura abrir espaços de interlocução entre a criança e o mundo, investindo na sua formação crítica. No início do século XX, porém, o que predominava era uma literatura infantil de cunho moralizante, na qual o espaço para as interações entre texto e leitor pressupunha uma criança que deveria ser obediente aos preceitos de então. A obra de Lobato rompeu com essa concepção de infância, atravessou décadas e deixou marcas em diferentes sujeitos e na cultura de nosso país. Nesse estudo, além de buscar entender a obra lobatiana como um clássico, nos interessa perceber como as crianças contemporâneas, no contexto escolar, estão podendo dialogar com ela, refletindo também sobre como os adultos vem tentando mediá-la.

O presente trabalho se organiza em três partes: na primeira, dialoga com Calvino (2007), Machado (2002), Penteado (1997) e Debus (2004) sobre os clássicos da literatura e a recepção à obra de Lobato. Na segunda, apresenta a análise de um evento observado numa turma de 1º ano do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II, durante o trabalho de campo de minha dissertação, e que envolve a mediação da professora, no intuito de contribuir para a interação das crianças com a obra *Reinações de Narizinho.* Na análise, ainda é discutido como a literatura de Lobato pode abrir-se a diferentes significações dos leitores, o que provoca reflexões sobre a relação autor, texto, leitor. Na conclusão, sintetiza as questões abordadas no texto, ressaltando a possibilidade da leitura de Lobato, no processo da formação leitora das crianças de hoje. Como interlocutores, além dos autores já citados, o trabalho dialoga com pesquisadores da literatura infantil - Sandroni (1987), Yunes, (1988, 2009), Silva e Martins (2010), entre outros, e da filosofia da linguagem, Bakhtin (1988), que contribuem para as análises sobre as mediações de leitura e a interação das crianças a textos de Lobato.

Lobato – um clássico da literatura infantil brasileira

Diferentes especialistas se referem à obra de Lobato como um marco da literatura infantil brasileira e um número expressivo de pesquisas aponta para sua qualidade literária, assim como para o encanto que já provocou em diversas gerações de crianças, tendo deixado marcas na cultura. Destaco dois exemplos: Penteado (1997), no

livro *Os Filhos de Lobato,* teve como proposta avaliar o impacto da obra infantil de Lobato sobre seus leitores, quando já adultos: brasileiros que, entre as décadas de 1930 e 1950, tiveram como principal leitura as narrativas lobateanas. Sua extensa pesquisa não poderia mapear todos os *filhos de Lobato* deste período, mas através de um número significativo de entrevistas, foi possível perceber as influências sofridas por muitos deles na construção de suas opiniões e atitudes. Já a tese de Debus (2004) – *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido* - investiga as correspondências do autor com seus leitores, além de pinçar da memória de vários escritores, não só depoimentos quanto à influência que sofreram como sujeitos, mas também, para alguns, as influências que os levaram a querer escrever literatura infantil. Tendo a escrita como ofício, encontramos ainda autores que entremearam às suas criações lembranças de leituras do Picapau Amarelo, realizadas na infância. Ao retomarem a experiência dessas leituras, entrelaçam passado e presente e seus textos podem ser lidos como testemunhos de leitura, como sublinha Debus (2004), já que tematizam a relação texto e leitor. São leituras que se tornaram inesquecíveis e ressurgiram na escritura de cada um.

Em *Por que ler os clássicos,* Calvino (2007) apresenta várias definições para qualificar os livros como clássicos. Entre elas destaco uma que ajuda a compreender a obra lobatiana como um deles: *Clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.* (p. 10)

As pesquisas de Debus (2004) e de Penteado (1997) reafirmam as palavras de Calvino. Os livros de Lobato se tornaram inesquecíveis para milhares de leitores, se ocultando *nas dobras da memória* de muitos deles, podendo reaparecer em novos escritos e deixando marcas na nossa cultura. Hoje contamos com uma literatura infantil premiada internacionalmente e, muitos escritores que se dedicam a ela, se declaram "herdeiros de Lobato": seja no modo de conceber a criança, seja na criação de universos imaginários, onde diferentes temas são explorados, seja apostando numa linguagem inventiva, capaz de abrir-se ao diálogo com o leitor.

No debate sobre os clássicos, Machado (2002), no livro *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde cedo*, defende a ideia do clássico como um patrimônio que guarda as experiências anteriores da humanidade e ao qual temos direito de usufruir. Entre os capítulos do livro, dedica um aos clássicos infantis. Nele, analisa obras especialmente criadas para as crianças, entre meados do século XIX e primeiras décadas do XX e que, devido às suas qualidades literárias, encantaram gerações, atravessaram o

tempo e são até hoje revisitadas por outras linguagens. Como explica a autora, não se tratam de livros dispostos a dar lições, mas obras que, ao libertarem-se dos textos moralistas da época, abriram um mundo de possibilidades para a interação dos leitores. Partindo do ponto de vista infantil, exploram com sensibilidade temas como a solidão, as dificuldades de crescer, o cotidiano das crianças repleto de fantasias, a crítica à sociedade, além de apresentarem uma galeria de personagens que abrem muitas possibilidades para a identificação dos leitores. Entre as obras analisadas e ao lado de *Alice no país das maravilhas* e *Peter Pan*, estão os livros de *Monteiro Lobato*.

Segundo Machado (2002), uma das marcas de diferença nessas obras e que permite a abordagem de qualquer tema, é a presença da fantasia que invade o cotidiano e convive com o real. Outra seria o diálogo que várias delas estabelecem com outros clássicos. De acordo com a escritora, *os textos sempre trocaram referências entre si, conversaram uns com os outros nas leituras de cada indivíduo que se aproximou deles, de cada autor que os criou.* (p.127). Lobato é uma comprovação deste fenômeno. Em sua obra, incorporou personagens clássicos como Dom Quixote e Branca de Neve, fazendo-os vivenciar novas aventuras no Sítio: esse entrelaçamento de textos e personagens reafirma o caráter polifônico da obra e contribui para a ampliação do repertório cultural dos leitores. Através de um universo onde o imaginário impera, e realidade e fantasia convivem naturalmente, Lobato valoriza a experiência da criança, dá voz aos seus pontos de vista e encontra espaços para desenvolver todo tipo de tema.

Volto mais uma vez a Calvino (2002), agora para introduzir a ideia da escola como mediadora entre os clássicos e os leitores em formação: *os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor. Exceto na escola: a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os "seus" clássicos* (p13).

Dialogando com os autores aqui citados, acredito que os clássicos não precisam ser lidos na escola apenas por obrigação, por respeito ou por direito. Mas também não serão lidos unicamente por amor. Como afirma Calvino (2002), à escola cabe apresentar vários clássicos para que cada leitor possa eleger os seus. Uma das funções da escola é democratizar os saberes produzidos socialmente, garantindo o acesso a bens culturais construídos historicamente pela humanidade: trazer os clássicos da literatura infantil para as crianças no processo de sua formação leitora seria uma forma de garantir esse acesso. Mas, como aponta Geraldi (2011), num texto em que se apoia em conceitos do filósofo Mikhail Bakhtin para pensar a ação educativa, *no mundo da vida estamos*

sempre calculando possibilidades e escolhemos uma delas no leque que se nos apresenta em função do futuro (acabamento provisório) de que temos memória (p.8). Ou seja, daquilo que imaginamos e projetamos para o futuro. Para Geraldi, se pensarmos a educação numa perspectiva bakhtiniana, o compromisso da escola com o passado (nesse caso, com os clássicos) não pode ser apenas o de preservação do conhecimento e de sua transmissão para as novas gerações no intuito de se manter igual em si mesmo, mas, ao contrário, esse compromisso deve ser com o presente e com o futuro: *o passado determina o presente de um modo criador, e juntamente com o presente, dá dimensão ao futuro que ele determina* (BAKHTIN apud GERALDI, 2011, p.8). Pensando no trabalho com a leitura dos clássicos na escola, tomando o aluno como um sujeito que se constitui socialmente na relação com o outro, compreendo que o leitor, inserido em seu próprio contexto histórico e cultural, possa, no diálogo com obras clássicas, encontrar caminhos para trocar experiências e reler sua realidade. Conhecer os clássicos para preservá-los, mas também para fazer dialogar passado, presente e futuro.

O campo do Colégio Pedro II: contexto e procedimentos metodológicos

Durante o desenvolvimento de minha dissertação, adentrei dois campos de pesquisa, mas trago aqui apenas o campo do Colégio Pedro II e as observações que realizei numa turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Neste colégio, a literatura é uma disciplina do currículo dos anos iniciais do Fundamental: as aulas acontecem semanalmente, com duração de uma hora e trinta minutos, e, na Unidade estudada, a obra de Lobato é sempre contemplada, nas turmas de 1º ao 5º ano. Assim, me perguntei: por que os textos de Lobato são incluídos no projeto de formação de leitores deste colégio? Como as crianças dialogam com esta obra clássica? Que mediações são desenvolvidas por seus professores para aproximar as crianças das histórias lobatianas?

Como procedimentos metodológicos, realizamos prioritariamente observações participantes, ao longo de doze encontros, entre os meses de abril e novembro de 2012, nas quais procurei estar o máximo possível entre as crianças, sentando-me na roda com elas, conversando e trocando ideias sobre as histórias que elas (e eu) ouvíamos a professora contar. Organizamos ainda rodas de conversas com as crianças e uma entrevista com as professoras, para compreender, também através de seus discursos, a escolha por ler Lobato nas séries iniciais do Fundamental.:

> **Professora:** Dentro da nossa proposta de conhecer autores brasileiros, Lobato é uma referência. [...] É um texto brasileiro, tem nossa marca,

> uma identidade, eu acho que não tem como não trazer Lobato. Muitos dizem assim: um texto de quase cem anos, eles leem ainda? Leem de outra maneira, mas leem. Eu acho um texto primoroso, e a gente vai contanto, lendo fragmentos e contando do nosso jeito outros pedaços [...] E a gente vê que eles vão até o livro, buscam [...] (Entrevista com professoras, 03/12/12).

Ao longo da entrevista, as professoras destacaram práticas para o compartilhamento da leitura lobatiana, com crianças de 1º ao 5º ano, e estratégias que criam para ultrapassar as dificuldades que surgem. Através das colocações, compreendemos a defesa pela leitura da obra e a responsabilidade que assumem em apresentá-la às crianças de hoje:

> [...] a gente também tem uma visão de futuro. A gente mostra a obra original, mostra as coleções, com a ideia de que eles vão ter o Lobato como referência, e em algum momento vão voltar a ele [...]. A gente quer é formar a experiência deles. Fecundar, na verdade, essa experiência deles, para que eles levem aquilo como rastro (Entrevista com professoras, dia 03/12/12).

Passemos, assim, à análise do evento: como as mediações da professora contribuíram para a interação das crianças do 1º ano com o texto *Reinações de Narizinho*?

Posso ser o Rabicó? e **O porquinho é inocente**

> A **professora Joyce** retoma as partes do segundo capítulo de *Reinações de Narizinho* que ela vinha lendo nas aulas anteriores e as crianças vão se lembrando de acontecimentos e falas das personagens: *Tia, como é mesmo aquele negócio da jabuticabeira? Pluft, ploct... / Nhoque* (completa a professora) / *Aonde estava a Narizinho?* (professora pergunta) / *Ora! Na jabuticabeira! Ela vive lá!* (criança responde). Depois Joyce começa a nova leitura, alternando o reconto oral, com a leitura do texto no livro, projetando também, na tela da TV, diferentes ilustrações das cenas e personagens que aparecem neste capítulo, acompanhadas de trechos do seu texto correspondente. Ora adaptando oralmente a narrativa, ora lendo-a, passando também do livro para a tela da tv com as ilustrações projetadas, vai conduzindo as novas partes deste capítulo. Dentre as imagens projetadas, encontram-se algumas que procuram ajudar na compreensão de elementos do texto, desconhecidos das crianças, como uma jabuticabeira e o personagem Tom Mix.
>
> Na parte mais emocionante do capítulo, quando o bandido Tom Mix surge para assaltar Narizinho, Emília e Rabicó, e o porquinho foge, as crianças prestam a maior atenção. Narizinho fica danada com a fuga de Rabicó, mas consegue livrar-se com esperteza do bandido, oferecendo-lhe em lugar do ouro que ele queria, um pouco da macela (dourada) da perna de Emília. O bandido fica satisfeito e diz que dali para frente poderá ajudá-la sempre que quiser, bastando chamá-lo: *Mix! Mix! Mix!* As crianças adoram essa parte e ficam repetindo as falas do bandido: *A bolsa ou a vida!* Ou: *Mix! Mix! Mix!*
>
> **Marcos:** Tia, posso ser o bandido? **Tiago:** Posso ser o Rabicó?
>
> **A professora** propõe a teatralização e depois lê o final da narrativa, quando Narizinho chama Tom Mix para dar uma lição em Rabicó, por este ter fugido na hora do perigo, dizendo ao bandido o que desejava para o almoço do dia seguinte: feijão com torresmo de Marquês (o

> Rabicó). Neste diálogo do livro, Emília entende qual será a vingança Narizinho, fica com pena de Rabicó e então a cena termina.

Mediando a leitura

Nesta primeira parte do evento, as crianças estão envolvidas na sequencia dos capítulos de *Reinações de Narizinho* - prática de mediação de leitura bastante utilizada pela professora -, lembrando-se de seus acontecimentos, mostrando estarem compreendendo a narrativa, e voltando à experiência com a linguagem lúdica utilizada pelo escritor (e lida pela professora): *Mix! Mix! Mix! A bolsa ou a vida! Pluct, ploft, nhoque!* Também é possível perceber a mediação da professora, ora recontando, ora lendo e, desta vez, incluindo, na tela da TV, ilustrações de cenas da história ou de personagens e elementos desconhecidos das crianças, para também fazerem parte de sua leitura/contação, procurando contribuir para a interação das crianças com a obra.

Segundo as professoras, as crianças de hoje têm dificuldades de manter a atenção por muito tempo; para mantê-las atentas numa história mais longa, além da leitura em capítulos, também procuram quebrar sua sequência, *intercalando-a com perguntas, provocando uma sensação "o que será que vai acontecer?"* (Entrevista com professoras, 03/12/12). Refletindo sobre a experiência das turmas do 1º ano com a obra lobatiana, ressaltam o gosto das crianças desta idade pela magia presente nos textos do escritor, e apontam para a maneira como as crianças vão entrando nesse mundo:

> eles começam questionando o que acontece com uma lógica muito racional. Depois, quebram isso e mergulham. E quando começam a dramatizar, na aula seguinte ficam falando: "mas eu fui a Narizinho, então agora eu sou Narizinho". Eles incorporam: "Ih, olha, aconteceu isso comigo também: "Eu sou o Major Agarra, então". Mesmo sabendo que não são as personagens, gostam desse jogo, e isso faz bem (Entrevista com professoras, 03/12/12).

Por outro lado, as professoras apontam para as dificuldades de compreensão das crianças sobre coisas que não conhecem. Nesse sentido, analisam: *a gente foi sentindo necessidade de trazer os elementos que eles não conhecem para facilitar essa compreensão. Mediar esta compreensão. O que é um sabugo de milho? Quem é o Tom Mix? Coisas que não fazem parte da vivência atual deles.* (Entrevista com prof., 03/12/12).

No Colégio Pedro II, escola que tem a preocupação de que a leitura de Lobato aconteça de forma significativa, as observações evidenciaram que a mediação planejada foi importante para a construção de sentidos para a obra por parte das crianças. Recursos como fotografias, episódios da série televisiva, ilustrações de livros, formas diversas de ler – ler integralmente o texto, ler adaptando, ler dramatizando - contribuíram para isso. A leitura oralizada de um texto, como forma de mediação entre

o texto literário e o leitor, e utilizada pela professora neste evento, vem sendo discutida por diferentes autores, mas busco na própria obra de Lobato formas de problematiza-la. Vejamos no trecho de *Reinações de Narizinho* (Lobato, 2007): *Leia de sua moda, vovó! A moda de Dona Benta ler era boa. […], a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua de Brasil de hoje. Onde estava "lume", lia "fogo" […]. E sempre que dava com um boto-o. Lia botou ele e ficava o dobro interessante." […] (p. 36).*

Lobato possuía um projeto literário voltado para o público infantil e que, esteticamente, visava romper com as narrativas empoladas que circulavam no Brasil da época, respeitando um estilo de linguagem próprio da criança, e que ele acreditava poder contribuir para a formação de um público leitor. Ideologicamente, o autor também apostava na formação crítica da criança, creditando à leitura importante papel nesse processo. Talvez por isso, ao longo de toda sua obra, tenha reservado lugar especial para exemplificar o encontro entre leitores e textos: em diferentes narrativas, veremos a personagem *Dona Benta* aproximando as personagens-crianças a todo tipo de leitura, inclusive aos clássicos da literatura, desenvolvendo formas lúdicas, interativas e reflexivas de mediação: lê em voz alta e em capítulos, instigando o que vem pela frente, conversa com seus ouvintes, explica termos quando necessário, resume partes do texto e lê outras por inteiro, brinca com as vozes dos personagens e abre espaços para a interlocução entre os ouvintes e o texto. Nessas passagens, as crianças do Sítio se emocionam, trocam impressões, procuram respostas, relacionando o que ouvem com suas próprias experiências. Dona Benta não se equivale a uma professora, pois está num contexto diferente do da escola, mas através da observação das mediações que realiza, é possível problematizar questões sobre a formação do leitor, a escolarização da literatura e a interação com obras clássicas, pelas crianças na escola de hoje. De acordo com Lajolo (1994), *naqueles pacatos anos trinta, ainda sem roteiros de leitura, fichas de atividades, [...], Dona Benta patrocina a seus ouvintes as experiências e as discussões de leitura necessárias ao amadurecimento deles, fazendo uma ponte entre algumas questões nossas contemporâneas diante de leitura, escrita e escola [...]* (p. 103).

Voltando à análise do evento, a professora tem como objetivo ler *Reinações de Narizinho* para uma turma do 1º ano, pois observa que o livro apresenta possibilidades de interação para crianças entre 6/7 anos de idade. Ao perceber as dificuldades que ele também oferece, procura estratégias para resolvê-las. Além disso, para favorecer a permanência das crianças no texto, busca provocá-las nos momentos de impasse, não só para aguçar a curiosidade, mas para abrir espaços de diálogo com ele. Assim, passemos

à segunda parte da análise, observando a conversa entre as crianças e a professora, no momento em que o capítulo termina, com Narizinho pedindo a Tom Mix para capturar Rabicó, pois ela quer almoçá-lo no dia seguinte. Nesse diálogo final, Emília fica com pena de Rabicó: *Coitado do Rabicó – exclamou Emília compungida*. Ao que Narizinho responde: *Coitado nada! Rabicó precisa levar uma boa esfrega* (LOBATO, 2007, p.58).

> **Professora Joyce:** E agora, o que vai acontecer?
> **Ludmila:** Eu não sei. **Marcos:** Eu acho que ela vai salvar o Rabicó!
> **Natália:** Não vai não. **Fred:** O porquinho é inocente.
> **Gláucia:** Eu não acho que ela vai salvar porque ele comeu os bolinhos. **Professora:** Você acha que ela não vai perdoar?!
> **Gláucia:** Acho. **Fred:** Eu acho que vai!
> **Professora:** Vamos fazer uma votação? A Narizinho vai salvar ou não o Rabicó? (A maioria das crianças votou pelo salvamento, menos duas meninas).
> **Professora:** Natália, por que você acha que a Narizinho não vai salvar o Rabicó? **Natália:** Porque ele comeu os bolinhos e os croquetes da Narizinho. (Caderno de Campo, dia 25/06/12).

Negociando sentidos – o autor, o texto, o leitor

Estamos diante de um texto literário, criado por Lobato, e estamos diante das reações e reflexões de diferentes leitores sobre este universo lido. Rabicó deve ou não deve ser perdoado pelo que fez? O que passa na cabeça de cada leitor? O texto deixa espaço para diferentes interpretações? As questões aqui colocadas me provocam a pensar na relação autor, texto e leitor. Para Yunes (1988):

> *quando o escritor cria um texto com o objetivo específico de conformar o leitor a certos modelos de comportamento ou regras morais de conduta,* [...], *está sendo autoritário com o leitor e com a literatura porque quer imputar-lhes apenas uma visão, empobrecendo não só o texto, como também subestimando a capacidade crítica da criança* (p. 41 e 42).

De acordo com as autoras, para que uma obra seja emancipatória, há que conter pontos de vista diferentes que brotem do texto e das personagens, pois isso assegura ao leitor *a sua opção em relação ao texto, sua escolha e crítica, uma vez que é o leitor que realiza o seu julgamento de valor e não o narrador que está sendo o porta-voz do autor* (1988, p. 41 e 42). Nesse momento do texto, encontramos uma situação ficcional em que as personagens se posicionam de forma diferente: Narizinho quer vingar-se de Rabicó, por ele tê-la abandonado no momento de perigo (*fui covardemente traída pelo Senhor Marquês de Rabicó* [...] *quero ser vingada sem demora*); Tom Mix é solícito ao pedido da menina, sem nenhum tipo de questionamento (*Sereis vingada, ó gentil princesa!);* Emília, ao entender qual seria a vingança da menina (almoçar o porquinho)

expressa seu pesar (*Coitado do Rabicó*), porém, isso não sensibiliza Narizinho, que mantém seu posicionamento (Lobato, 2007, p. 58).

O que temos então? Primeiro, um texto que não se propõe a conformar o leitor a um único modelo de conduta, já que, através das personagens e da situação que estão vivendo, apresenta vários: Narizinho está certa em querer vingar-se do porquinho? Tom Mix está certo em aceitar seu pedido? E Emília, é ela quem está certa em sentir pena da sina de Rabicó? Quantos posicionamentos cabem nessa situação? Agora vamos pensar no narrador: há julgamento de valor de sua parte? Não. O que acontece é que o texto termina, cabendo ao leitor fazer suas escolhas: o texto convida o leitor a se colocar, a participar dele e a imprimir-lhe sentidos.

Se este texto estivesse sendo lido silenciosamente por um único leitor, só ele conheceria suas percepções e posicionamentos. Mas ele estava sendo compartilhado numa turma, envolvendo diferentes leitores. E, na provocação da mediadora da leitura, abre-se um espaço para que o diálogo agora não seja mais entre um leitor e sua leitura, mas entre os diferentes leitores e suas diferentes leituras. Como comentam Silva e Martins (2010), as leituras serão sempre diferentes de um leitor para o outro, pois cada leitor só pode estabelecer relações com o mundo que conhece. Ao expressar uma opinião, relatar um fato, fazer uma escolha, as crianças se diferem porque suas histórias de vida, seus valores, seu horizonte social também são diversos, e é a partir deles que elas dialogam com o texto. Neste evento, os leitores se colocaram de formas diferentes, contrapondo opiniões (*eu acho que ela vai salvar / não vai não*), reagindo aos enunciados proferidos (*você acha que ela não vai perdoar?!),* explicando os motivos dos posicionamentos (*o porquinho é inocente* / *eu não acho que ela vai salvar porque ele comeu os bolinhos*). Nessa arena, cada enunciação - que como analisa Bakhtin (1988) é sempre uma resposta ao nosso interlocutor - provocou a que veio a seguir e cada um dos leitores foi construindo, nas diferentes vozes ouvidas, sua compreensão sobre o texto. Texto literário, onde sempre se encontram impressos valores éticos e visões de mundo: tanto Gláucia, como Natália, acham que Narizinho não perdoará Rabicó, não porque ele fugiu, motivo da personagem e que reflete os valores dela sobre o mundo, mas porque ele antes havia comido escondido quase todos os bolinhos e croquetes que Emília ganhara da rainha das abelhas (cena que acontece em um trecho anterior ao capítulo que ouviam neste dia). Talvez para estas leitoras, diferente da posição expressa por Narizinho, fugir não fosse um motivo para o porquinho receber tamanha punição, mas comer escondido sim. Como analisa Yunes (2009), *o universo do*

discurso deixa ver/ouvir diferentes vozes, animadas por distintas ideologias, que atravessam os textos e os falantes (p. 32).

Considerações finais

Nesse texto, tivemos como objetivo compreender a obra de Lobato como um clássico da literatura infantil e observar como sua leitura poderia estar presente na formação leitora das crianças de hoje. Ao longo do trabalho, destacamos razões que podem qualificar a obra do autor como um clássico, conferindo-lhe qualidade artística. A aposta na inteligência da criança e na sua capacidade de ação no mundo, a valorização do seu mundo cotidiano, o diálogo com obras clássicas, a presença de personagens que despertam admiração, a linguagem inventiva, são aspectos que estão na base da permanência desta obra e talvez tenham sido responsáveis por deixar marcas em tantos leitores e na produção cultural de nosso país. Mas, para muitos, ainda fica a pergunta: as obras de Lobato envelheceram? Para Ceccantini (2011), entre as obras há as muito datadas, que podem provocar dificuldades de interação para as crianças de hoje, porém, outras apresentam plenas condições de leitura na atualidade. É preciso saber escolher e mediar. As questões levantadas por este autor se encontram com as que desenvolvemos nesse trabalho. A escola ocupa lugar importante na formação de leitores: pelo acesso a obras de qualidade, o que inclui as clássicas, e pela qualidade das mediações entre as crianças e os livros. Ao analisarmos o evento, observamos o quanto a mediação da professora do Colégio Pedro II foi importante para promover a interação das crianças com a narrativa de *Reinações de Narizinho*. Ciente do papel da escola de apresentar textos de qualidade, que contribuam para a formação dos leitores, e considerando a obra lobatiana como tal, a professora busca estratégias para mediá-la, levando os alunos a adentrar o universo da obra, afetando-se por ela, experimentando sentimentos, vivendo a alteridade e, no diálogo com os demais leitores da turma, construindo sentidos para o texto. Podemos destacar alguns pontos da mediação desenvolvida pela professora que contribuíram para tal: **a) a escolha de uma obra mais lúdica** (foi atraente para crianças de 6/7 anos); **b)** o **planejamento:** seleção prévia dos trechos que leria e dos que adaptaria, uso de recursos (como imagens) para mediar a compreensão das crianças; **c) mediação dialógica**: provocar reflexões, informar sobre o contexto da obra, oferecer espaços para as recriações das crianças; **d) estratégias para ler e contar histórias**: ler em voz alta e em capítulos; ler partes do texto e adaptar outras; ler e mostrar ilustrações; ler, perguntar e anunciar; ler dramatizando, ler compartilhando. Para concluir, ressalto que os pontos destacados não são regras para ler

os textos de Lobato, mas apontam caminhos para favorecer os primeiros encontros de crianças de hoje com seus livros, podendo abrir caminhos para leituras futuras da obra. Como coloca Machado (2002), um convite para a posterior exploração de um território muito rico, *já então na fase das leituras por conta própria* (p. 12).

Bibliografia:

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1988.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CECCANTINI, João Luís. **Para fora da canastra**: Monteiro Lobato na formação de (bons) leitores. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? São Paulo: DCL, 2011.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido**. Santa Catarina: Editora Univali, 2004.

GERALDI, João Wanderley. **Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores**. Conferência apresentada no I EBBA. Juiz de Fora: UFJF. 4 a 6 de novembro de 2011.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho** – vol. 1. São Paulo: Ed. Globo, 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PENTEADO, José R. Whitaker. **Os Filhos de Lobato**. Rio de Janeiro: DUNYA, 1997.

SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. **Experiências de leitura no contexto escolar**. In: Paiva, Aparecida (org.). **Coleção explorando o ensino**. **Literatura:** ensino fundamental. Brasília: MEC, 2010, p. 23 - 40.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga**: as reinações renovadas. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

YUNES, Eliana. Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.

_____ & PONDÉ, G. Leitura e Leituras da Literatura Infantil. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina. Como e por que ler A Literatura Infantil Brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.